

IRINA PODGORNY; MARIA MARGARET LOPES

As vitrinas da ciência da natureza na Argentina oitocentista

El desierto en una vitrina: museos e historia natural en la Argentina, 1810-1890. México: Limusa (Pesquisas Iberoamericanas sobre Ciência y Técnica), 2008. 280p.

MOEMA DE REZENDE VERGARA

Museu de Astronomia e Ciências Afins | MAST/MCT

268

O recente livro de Irina Podgorny e Maria Margaret Lopes veio para enriquecer ainda mais a área dos estudos sobre museus de ciência. As autoras se colocam como tributárias de Susan Sheets-Pyenson e seus estudos sobre “ciência colonial” desenvolvidos nos anos de 1980, sob o título de *Cathedrals of science*, onde se analisa também os Museus do Prata e o de Buenos Aires. Elas avaliam que o caminho aberto por Sheets-Pyenson não foi amplamente explorado, talvez pelo peso das tradições científicas nacionais que dominam o quadro atual da historiografia da ciência latino americana. Segundo elas, uma das principais contribuições de Sheets-Pyenson está em mostrar a formação dos museus conectados ao processo de expansão internacional de uma tipologia de história nacional, sem esquecer seus conflitos internos. Esse processo internacional, verificado em lugares tão distantes entre si, como Austrália, Canadá e Argentina, pode ser igualmente caracterizado pela inclusão de museus fora da Europa numa rede internacional de intercâmbio de dados, publicações e ideias.

El desierto en una vitrina cumpre exemplarmente a missão de nos ensinar como se deu o processo de formação dos museus na Argentina, levando principalmente em consideração dois fatores de grande importância: o peso dos diretores e agentes, como Bravard, Burmeister, Moreno e Ameghino, bem como a relação dos museus com os interesses políticos da exploração territorial que se desenrolou ao longo do século XIX. Ao ler esse livro, podemos ver como a paleontologia dos grandes mamíferos extintos se tornou a marca da ciência natural argentina, permeada pelos debates darwinianos e antidarwinianos de sua comunidade científica ainda em formação.

Cabe a ressalva de que os elementos tratados no livro, como a força pessoal dos dirigentes, o quadro político e as formas de adequação da ciência local à universal, podem ser vistos como poderosas chaves explicativas para o processo latino americano. Para o leitor brasileiro, tão acostumado a se ver como um caso especial no contexto da história da América Latina, a compreensão do processo argentino nos ajuda a notar que existem vários pontos de contato e que a compreensão do processo da nação vizinha em muito pode contribuir para o entendimento do lugar dos museus oitocentistas em nosso país.

Mas, afinal de contas, o que é um museu? Para Podgorny e Lopes, aquele é o lugar do saber e da educação do olhar do público. Segundo elas, o surgimento da prática de dispor as coisas num lugar de forma deliberada, para criar a possibilidade de compreender um todo maior e construir o caminho onde se mostram as diferenças entre o antigo e o moderno, é um fenômeno peculiar da história europeia. Traçando uma genealogia desde os gabinetes de curiosidade da Renascença até

os processos de formação nacional do século XIX, o museu abriga ao mesmo tempo uma relação estável entre a coleção, o espaço público no qual esta se exhibe e a contemplação privada de uma ordem criada pelo mesmo museu.

Já não constitui novidade afirmar que o museu do século XIX é tido como um símbolo burguês de progresso. O mérito do trabalho de Podgorny e Lopes está justamente em incluir em suas análises, sem necessariamente estabelecer uma hierarquia, fatores científicos e extracientíficos. Neste sentido, o objetivo das autoras é bem claro: mostrar os museus, além de seus significados simbólicos, como uma estrutura material, um espaço onde há lugar para várias atividades e práticas científicas, configuradas a partir das especificidades de cada instituição e dos seus conflitos e alianças explícitas ou não. A materialidade dos museus é percebida como parte importante da vida institucional, no que se refere à construção de novos prédios, os recursos para tal e a formação e acomodação das coleções.

Na questão de formação de coleções, o livro dá visibilidade a uma força impulsionadora importantíssima, ou seja, o valor comercial das coleções de história natural que eram compradas pelos chamados museus metropolitanos ou por particulares. No caso argentino, o interesse residia nos ossos de mamíferos herbívoros já extintos, como vestígios de mundo desaparecido, correspondendo ao interesse geral pela geologia e à criação de um esquema da história da Terra no qual se incorporavam todas as áreas do globo. Contudo, para atender a esse mercado, era necessário criar uma estrutura interna para recolher as peças, e discussões sobre a autenticidade entram em cena. Para tal, era preciso o respaldo da ciência, obedecendo a critérios internacionais de classificação e armazenamento a partir da obra de Linneu e Cuvier, favorecendo a criação, em 1812, de um museu na cidade de Buenos Aires. Assim, observamos concretamente como ciência e comércio se articulam, criando uma rede internacional de intercâmbio desde o início do século XIX. As autoras sublinham que essa rede internacional foi importante para a criação dos museus em espaços não europeus, sem que isto significasse a simples aplicação de um conhecimento produzido alhures. No caso argentino, há uma série de naturalistas nos anos de 1830, como Muñiz e Larrañaga, que irão questionar os sistemas classificatórios europeus, valorizando o conhecimento do campo em detrimento do produzido em gabinetes.

Os fatores políticos, como não poderia deixar de ser, têm uma forte função narrativa no livro, como no caso do Museu Nacional do Paraná, que surge na segunda metade do século XIX quando, com a subida ao poder de Justo José de Urquiza em 1854, a Argentina se transforma numa Confederação, e a cidade de Paraná passa a ser sua capital. Uma das primeiras medidas do novo governo é a criação de um museu que funcionasse como centro difusor de uma imagem argentina distinta da de Buenos Aires. As autoras assinalam que, apesar das motivações políticas, havia o esforço de que o estudo da natureza superasse os impasses políticos e conquistasse um circuito neutro. Talvez ainda movidos por suas “marcas de nascimento”, os dois museus se diferenciavam: o de Paraná estava mais preocupado em mostrar as riquezas da Confederação, e o de Buenos Aires adotava uma atitude mais fluida, aceitando doações de outras procedências. Não podemos esquecer de uma coleção de raro interesse: a de fósseis, reunida por Burmeister, dando pouca atenção ao estudo do homem, ou seja, da antropologia. Esse vazio será visto como uma oportunidade por Francisco Moreno no Museu do Prata, que terá o estudo do homem na natureza, mais precisamente no território argentino, como centro de suas preocupações. Mais tarde ambos os museus se unirão como síntese do museu metropolitano argentino.

A leitura de *El desierto en una vitrina* nos auxilia a ver quão complexo é o processo de formação dos museus e como estes refletem vivamente as questões emergentes de países cuja identidade nacional ainda está em aberto, como o caso da Argentina oitocentista. Dispor o deserto em uma vitrina era sem dúvida alguma o desejo dos personagens do livro, talvez apoiados no sentido dado por Sarmiento de controlar a barbárie e levar a civilização ao que, para ele, eram os espaços vazios dos Pampas. Mas o livro nos abre outras possibilidades de ver, ao apresentar várias vitrinas que nos mostram diversos componentes para a compreensão da história dos museus oitocentistas. A estes se atribuem funções como a de fornecer elementos para a construção de uma nacionalidade ainda inconclusa, permeada por fatores como a defesa de uma língua nacional e conquista territorial. Junte-se a isso a formação de tradições intelectuais, com a edição de periódicos e participação em exposições internacionais, além de disputas institucionais que muitas vezes se manifestam sob a capa de polêmicas científicas.

Se colocar o deserto numa vitrina era expor uma fauna extinta, as autoras problematizam a visão corrente de se relacionar automaticamente museus e progressos. A prática museológica argentina do século XIX, grosso modo, pode ser vista como a adoção de uma atitude frente à natureza compatível com a noção de então acerca do progresso. O progresso e a civilização estavam nas salas dos museus que expunham essas coleções, podendo ainda ser objeto de comércio como objetos do passado e organizadas pelos grupos sobreviventes das disputas científicas.